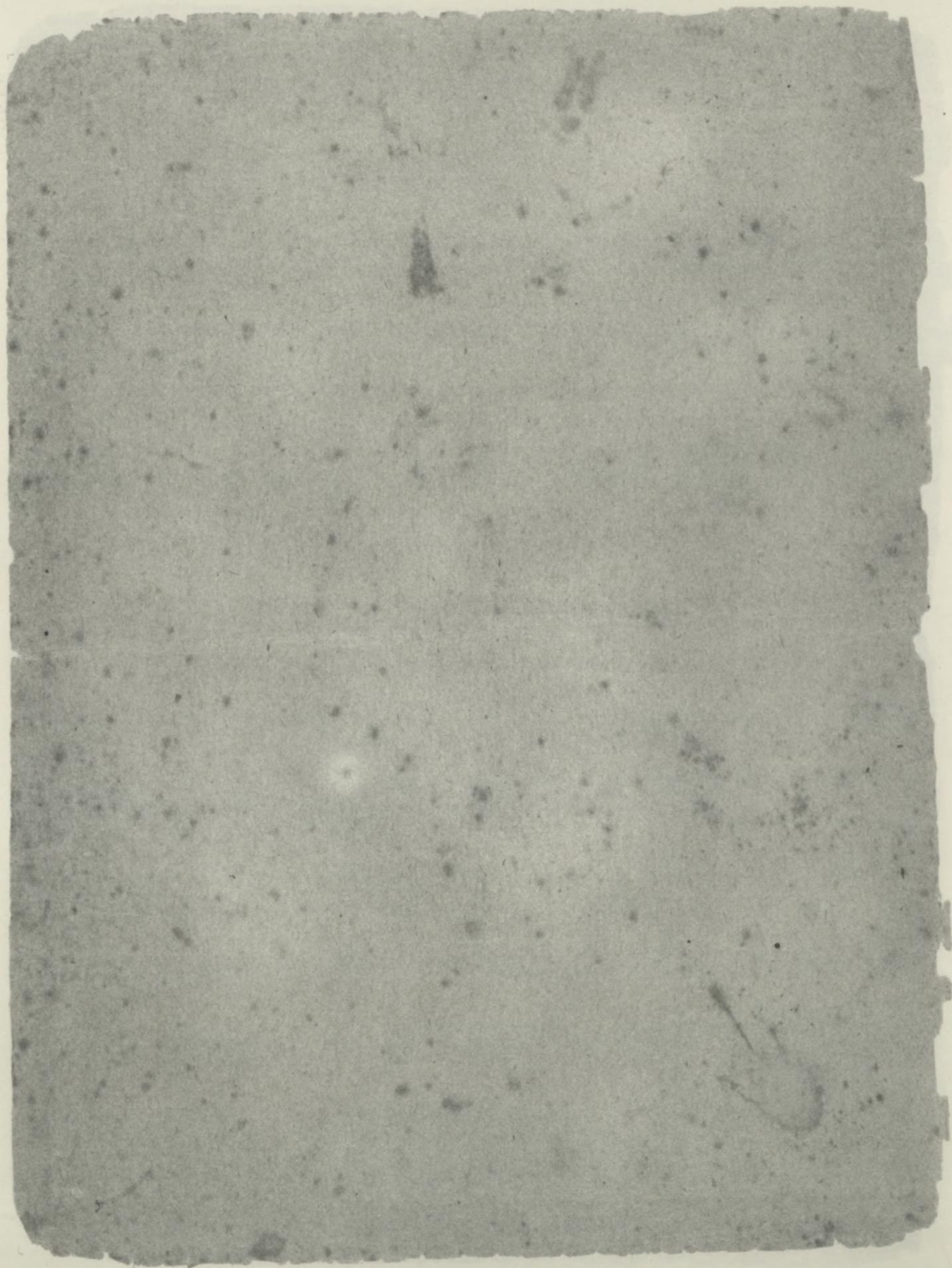


POEMAS DE PARIS
DE
MARIO DE SÁ-CARNEIRO



SÉTE CANÇÕES DE DECLÍNIO

1.

Um vago tom de opala debelou
Prolixos funerais de luto d'Astro —
E, pelo espaço, a Oiro se enfolou
O estandarte rial — livre, sem mastro.

Fantastica bandeira sem suporte,
Incerta, nevoenta, recamada —
A desdobrar-se como a minha sorte
Predita por ciganos numa estrada...

2.

Atapetemos a vida
Contra nós e contra o mundo.
— Desçamos pânos de fundo
A cada hora vivida.

Desfiles, danças — embora
Mal sejam uma ilusão.
— Scenarios de mutação
Pela minha vida fóra!

Quero ser Eu plenamente:
Eu, o possesso do Pasma.
— Todo o meu entusiasmo,
Ah, que seja o meu Oriente!

O grande doido, o varrido,
O perdulario do Instante —
O amante sem amante,
Ora amado ora traído...

Lançar as barcas ao Mar —
De nevoa, em rumo de incerto...
— Pra mim o longe é mais perto
Do que o presente lugar.

... E as minhas unhas polidas —
Ideia de olhos pintados...
Meus sentidos maquilados
A, tintas desconhecidas...

Misterio duma incerteza
Que nunca se ha de fixar...
Sonhador em frente ao mar
Duma olvidada riqueza...

— Num programa de teatro
Sucedá-se a minha vida :
Escada de Oiro descida
Aos pinotes, quatro a quatro !...

3

— Embora num funeral
Desfraldemos as bandeiras :
Só as Côres são verdadeiras —
Siga sempre o festival !

Kermesse — eia ! — e ruído !
Louça quebrada ! Tropel !
(Defronte do carroussel,
Eu, em ternura esquecido...)

Fitas de côr, vozearia —
Os automóveis repletos :
Seus chauffeurs os meus affectos
Com librés de fantasia !

Ser bom... Gostaria tanto
De o ser... Mas como ? Afinal
Só se me fizesse mal
Eu fruiria esse encanto.

— Affectos?... Divagações...
Amigo dos meus amigos...
Amizades são castigos,
Não me embaraço em prisões !

Fiz dêles os meus criados,
Com muita pena — decerto,
Mas quero o salão aberto
E os meus braços repousados.

4

As grandês Horas ! — vivê-las
A preço mesmo dum crime !
Só a beleza redime —
Sacrifícios são novelas.

«Ganhar o pão do seu dia
Com o suor do seu rosto»...
— Mas não ha maior desgosto
Nem ha maior vilania !

E quem fôr Grande não venha
Dizer-me que passa fome :
Nada ha que se não dome
Quando a Estrela fôr tamanha !

Nem receios nem temores,
Mesmo que sofra por nós
Quem nos faz bem. Esses dós
Impeçam os inferiores.

Os Grandes partam — dominem
Sua sorte em suas mãos :
Toldados, inuteis, vãos,
Que o seu Destino imaginem !

Nada nos pode deter :
O nosso caminho é d'Astro !
Luto — embora ! — o nosso rastro,
Se pra nós Oiro ha de ser !.....

5

Vaga lenda facetada
A imprevisto e miragens —
Um grande livro de imagens,
Uma toalha bordada...

Um baile russo a mil côres,
Um Domingo de Paris —
Cofre de Imperatriz
Roubado por malfeitores...

Antiga quinta deserta
Em que os donos faleceram —
Porta de cristal aberta
Sôbre sonhos que esqueceram...

Um lago á luz do luar
Com um barquinho de corda...
Saudade que não recorda —
Bola de tennis no ar...

Um leque que se rasgou —
Anel perdido no parque —
Lenço que acenou no embarque
D'Aquela que não voltou...

Praia de banhos do Sul
Com meninos a brincar
Descalços, á beira mar,
Em tardes de ceu azul...

Viagem circulatoria
Num expresso de wagons-leitos —
Balão aceso — defeitos
De instalação provisoria...

Palace cosmopolita
De rastaquouères e cocótes —
Audaciosos decotes
Duma francesa bonita...

Confusão de music-hall,
Aplausos e brou-u-ha—
Interminavel sofá
Dum estofo profundo e mole...

Pinturas a «ripolin»,
Anuncios pelos telhados —
O barulho dos teclados
Das Linotyp' do «Matin»...

Manchette de sensação
Transmitida a todo o mundo —
Famoso artigo de fundo
Que acende uma revol'ção...

Um sobrescrito lacrado
Que transviou no correio,
E nos chega sujo — cheio
De carimbos, lado a lado...

Nobre ponte cidadina
De intranquila capital —
A humidade outonal
Duma manhã de neblina...

Uma bebida gelada —
Presentes todos os dias...
Champanhe em taças esguias
Ou água ao sol entornada...

Uma gaveta secreta
Com segredos de adulterios...
Porta falsa de misterios —
Toda uma estante repleta:

Seja enfim a minha vida
Tarada de ócios e Lua:
Vida de café e rua,
Dolorosa, suspendida —

Ah! mas de enlevo tão grande
Que outra nem sonho ou prevejo...
— A eterna mágoa dum beijo,
Essa mesma, ela me expande...

6

Um frenesi hialino arripou
Pra sempre a minha carne e a minha vida.
Fui um barco de vela que parou
Em subita baía adormecida...

Baía embandeirada de miragem,
Dormente de ópio, de cristal e anil,
Na ideia dum país de gaze e Abril,
Em duvidosa e tremulante imagem...

Parou ali a barca — e, ou fôsse encanto,
Ou preguiça, ou delirio, ou esquecimento,
Não mais aparelhou... — ou fôsse o vento
Propício que faltasse: agil e santo...

... Frente ao porto esboçava-se a cidade,
Descendo enlanguescida e preciosa:
As cupulas de sombra côr de rosa,
As tôrres de platina e de saudade.

Avenidas de sêda deslisando,
Praças d'honra libertas sôbre o mar —
Jardins onde as flôres fôssem luar;
Lagos — caricias de ambar flutuando...

Os palacios de rendas e escumalha,
De filigrana e cinza as catedrais —
Sôbre a cidade, a luz — esquiva poalha
Tingindo-se através longos vitrais...

Vitrais de sonho a debroa-la em volta,
A isola-la em lenda marchetada :
Uma Veneza de capricho — solta,
Instavel, dubia, pressentida, alada...

Exilio branco — a sua atmosfera,
Murmúrio de aplausos — seu brou-u-há...
E na Praça mais larga, em frágil cera,
Eu — a estátua «que nunca tombará»...

7

Meu alvoroço d'oiro e lua
Tinha por fim que transbordar...
— Caiu-me a Alma ao meio da rua,
E não a posso ir apanhar !

Paris — julho e agosto 1915

ABRIGO

Paris da minha ternura
Onde estava a minha Obra —
Minha Lua e minha Cobra,
Timbre da minha Aventura.

O' meu Paris, meu menino,
Meu inefavel brinquedo...
— Paris do lindo segrêdo
Ausente no meu destino.

Regaço de namorada,
Meu enleio apeteçido —
Meu vinho d'Oiro bebido
Por taça logo quebrada...

Minha febre e minha calma —
Ponte sôbre o meu revez :
Consolo da viuvez
Sempre noiva da minh'Alma...

O' fita benta de côr,
Compressa das minhas feridas...
— O' minhas unhas polidas,
— Meu cristal de toucador...

Meu eterno dia de ânos,
Minha festa de veludo...
Paris: derradeiro escudo,
Silencio dos meus enganos.

Milagroso carroussel
Em feira de fantasia —
Meu orgão de Barbaria,
Meu teatro de papel...

Minha cidade-figura,
Minha cidade com rosto...
— Ai, meu acerado gosto,
Minha fruta mal madura...

Mancenilha e bem-me-quer,
Paris — meu lobo e amigo...
— Quisera dormir contigo,
Ser todo a tua mulher!...

Paris — setembro 1915

CINCO HORAS

Minha mesa no Café,
Quero-lhe tanto... A garrida
Toda de pedra brunida
Que linda e que fresca é!

Um sifão verde no meio
E, ao seu lado, a fosforeira
Diante ao meu copo cheio
Duma bebida ligeira.

(Eu bani sempre os licores
Que acho pouco ornamentais:
Os xaropes têm côres
Mais vivas e mais brutais.)

Sôbre ela posso escrever
Os meus versos prateados,
Com estranheza dos criados
Que me olham sem perceber..

Sôbre ela descanso os braços
Numa atitude alheada,
Buscando pelo ar os traços
Da minha vida passada. . .

Ou acendendo cigarros,
— Pois ha um âno que fumo —
Imaginário presumo
Os meus enredos bizarros.

(E se acaso em minha frente
Uma linda mulher brilha,
O fumo da cigarrilha
Vai beija-la, claramente...)

Um novo freguez que entra
E' novo actor no tablado,
Que o meu olhar fatigado
Nêle outro enredo concentra.

E o carmim daquela bôca
Que ao fundo descubro, triste,
Na minha ideia persiste
E nunca mais se desloca.

Cinge tais futilidades
A minha recordação,
E destes vislumbres são
As minhas maiores saudades... .

(Que história d'Oiro tão bela
Na minha vida abortou :
Eu fui heroi de novela
Que autor nenhum empregou...)

Nos cafés espero a vida
Que nunca vem ter comigo :
— Não me faz nenhum castigo
Que o tempo passa em corrida.

Passar tempo é o meu fito,
Ideal que só me resta :
Pra mim não ha melhor festa,
Nem mais nada acho bonito.

— Cafés da minha preguiça.
Sois hoje — que galardão ! —
Todo o meu campo de acção
E toda a minha cubiça.

Paris — setembro 1915

SERRADURA

A minha vida sentou-se
E não ha quem a levante,
Que desde o Poente ao Levante
A minha vida fartou-se.

E ei-la, a môna, lá está,
Estendida, a perna traçada,
No infindavel sofá
Da minha Alma estofada.

Pois é assim: a minh'Alma
Outrora a sonhar de Russias,
Espaçou-se de calma,
E hoje sonha só pelucias.

Vai aos Cafés, pede um bock,
Lê o «Matin» de castigo,
E não ha nenhum remoque
Que a regresse ao Oiro antigo!

Dentro de mim é um fardo
Que não pesa, mas que maça:
O zumbido dum moscardo,
Ou comichão que não passa.

Folhetim da «Capital»
Pelo nosso Julio Dantas—
Ou qualquer coisa entre tantas
Duma antipatia igual...

O raio já bebe vinho,
Coisa que nunca fazia,
E fuma o seu cigarrinho
Em plena burocracia!...

Qualquer dia, pela certa,
Quando eu mal me precate,
E' capaz dum disparate,
Se encontra uma porta aberta...

Isto assim não pode ser...
Mas como achar um remedio?
— Pra acabar este intermedio
Lembrei-me de endoidecer: